

OS SABERES DAS CELAS NAS SALAS DE AULA: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Uma breve introdução...

A pesquisa descrita neste trabalho tem como objetivo compreender os saberes construídos por jovens e adultos em contexto de privação e restrição de liberdade, buscando uma possibilidade de diálogo entre os *saberes das celas* com as aulas de matemática, em uma perspectiva transdisciplinar.

O tema em apreço é fruto de inquietações e reflexões sobre os saberes construídos/adquiridos por jovens e adultos privados de liberdade manifestos nas aulas de matemática, onde a primeira autora atua como docente. Tais saberes, muitas vezes apresentam-se como uma forma de resistência ou para atendimento de demandas oriundas da precariedade do sistema penitenciário.

O primeiro contato com o sistema prisional nos trouxe desconforto, já que a entrada (de todos) diariamente é marcada por um “rito” de “invasão”, seja ao verificar o conteúdo de bolsas e bolsos, seja na confiscação do celular na portaria da Unidade Prisional ou nas indicações de comportamento e vestimenta. Tudo em prol da dita “segurança de todos”. A chegada foi marcada por estranhamentos e tensões que ao longo da efetiva participação das rotinas do lugar tornaram-se familiares.

Os alunos são detentos de uma Unidade Prisional (U.P.) masculina, de regime fechado¹ e Seguro². Matriculados formalmente na Unidade Escolar (U.E.) estadual sob a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e atendidos desde a alfabetização ao ano final do ensino médio.

O cotidiano dos detentos é marcado por: relações de poder (entre preso-preso, agente-preso), doenças, promiscuidade ausência inclusive do que é considerado mínimo para sobrevivência humana e alguns afastados do convívio social há mais de 20 anos. A escola representa muito mais que um espaço para “receber conhecimento”, trata-se inicialmente de um espaço de liberdade e direito, onde - ao menos temporariamente - as relações de poder são fortemente incentivadas a ficarem do

¹No regime fechado, o condenado não tem contato com a sociedade permanecendo preso em sua cela no interior do presídio, onde deve executar o trabalho que lhe for oferecido.

²Unidade prisional destinada a detentos que não podem conviver em outras unidades do sistema “pertencentes” a facções distintas, ou seja, são separados dos demais, sob risco de morte, dentre esses internos estão desertores de facções, estupradores, delatores e alguns que estão no regime cumprindo crime de honra e não pertencente a facção alguma.

lado de fora. *A escola é o lugar onde podemos falar e alguém nos ouve, onde temos direito!*³

A delimitação do tema

Imergir no universo complexo que permeia a EJA em espaço de privação de liberdade, tem nos requerido uma visão holística para a realidade dos sujeitos que a compõem, o que tem se mostrado imprescindível para a compreensão de seus saberes construídos ou adquiridos cotidianamente.

Em meio a este processo de imersão neste contexto, temos buscado verificar as possibilidades de diálogo desses saberes nas aulas de matemática, com um olhar transdisciplinar⁴, e suas implicações. “*Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele*”, como nos adverte a Carta da Transdisciplinaridade⁵ (1994). Reforça-nos ainda (MOREIRA, 2002, p. 125), que há no conhecimento matemático um caráter “*universalista e transcultural*”, ou seja, aponta para a presença de saberes matemáticos em várias áreas do conhecimento .

Por um entendimento empírico *metafórico*, comparamos o processo ensino/aprendizagem de matemática a um *iceberg*. A parte visível, consideramos a matemática da sala de aula, formada de algoritmos, fórmulas que tende a ser muito valorizada. E a parte invisível, de maior volume, sustentadora da parte visível, são os saberes matemáticos criados/adquiridos pelo aluno, mediante “*confrontação cotidiana com a realidade e necessidade de resolver problemas[...]ao longo do tempo, individual ou coletivamente*”. (CAVACO, 2012). Bill Barton (*apud* MIARKA, 2011) aponta-nos para a parte invisível do *iceberg*, ao ampliar o conceito de matemática, indicando a necessidade do reconhecimento de sistemas matemáticos diferenciados daqueles que são legitimados pelo currículo escolar.

Com a percepção de que o Programa Etnomatemática atende a transcendência , que faz-se necessária no entendimento dos saberes dos sujeitos em análise, como afirmou D´Ambrósio, no VI Congresso de Filosofia de São Paulo:

O Programa Etnomatemática tem como referências categorias próprias de cada cultura, reconhecendo que é própria da

³Fala de um aluno em uma reunião geral na escola, no início do ano letivo de 2014.

⁴Uma abordagem que passeia além e através dos campos disciplinares, buscando entendimento de conhecimentos complexos e práticas que perpassam os fenômenos humanos e de visão de mundo.

⁵Elaborada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro 1994.

espécie humana a satisfação de pulsões de sobrevivência e transcendência, absolutamente integrados , [...] leva a desenvolver modos, maneiras, estilos de explicar, de entender e aprender, e de lidar com a realidade perceptível. [...] Os instrumentos [materiais e intelectuais] essenciais para essa elaboração incluem, dentre outros, sistemas de quantificação, comparação, classificação, ordenação e linguagem. O Programa Etnomatemática tem como objetivo entender o ciclo do conhecimento em distintos ambientes. (D'AMBROSIO, 1999).

Neste trabalho, nos apoiamos no conceito de comunidade de prática (WENGER, 1998) , onde as pessoas estão ligadas umas às outras por práticas comuns, engajadas mutuamente num empreendimento coletivo, orientadas por um senso comum. Refere-se a conhecer, a estar junto, dando significado à vida e às ações de cada membro, desenvolvendo identidade. (LAVE e WENGER, 1991). Considerando que a identidade desse sujeito está impregnada de saberes prévios que são relevantes no processo de escolarização de jovens e adultos implicando em uma postura dialógica (FREIRE, 1997).

Em síntese, os saberes praticados por detentos e suas formas de expressão, requerem uma análise, não só do ponto de vista exótico, ou artesanal, mas aprofundado, do ponto de vista social, educacional, antropológico, focando os saberes matemáticos, sem em hipótese alguma negar o caráter transdisciplinar deste trabalho.

Com isso, levantamos as seguintes questões de pesquisa: O que caracteriza os saberes praticados por jovens e adultos no contexto prisional? De que forma se manifestam e como são construídos tais saberes no dia a dia do presídio? Existem articulações entre os *saberes das celas* e as aulas de matemática? Quais saberes matemáticos foram identificados na constituição desses saberes?

E como questão principal desta investigação propomos: quais são as possibilidades de diálogo entre os saberes construídos no contexto prisional e o processo ensino aprendizagem nas aulas de matemática na EJA sob privação de liberdade?

Para responder às questões desta pesquisa, classificamos os objetivos em: Geral: Compreender os saberes construídos por jovens e adultos em contexto de privação de liberdade em busca da viabilidade de diálogo entre *saberes das celas* com as aulas de matemática em uma perspectiva transdisciplinar. Específicos: Investigar as características dos saberes construídos no contexto prisional; investigar

as formas como os alunos, expressam os saberes desse contexto; identificar os saberes matemáticos na manifestação desses saberes.

O método...

Optamos por desenvolver uma pesquisa de natureza qualitativa que admite que o objeto de estudo seja analisado a partir da ideia de que *“nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora [...]”* Bogdan e Biklen (1994, p. 50-51), favorecendo, deste modo, o estabelecimento de estratégias e procedimentos que possam considerar as experiências do ponto de vista do informante.

Recorreremos à técnica etnográfica de observação participante, que *“permite documentar o não-documentado, [...]descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano..”* (ANDRÉ, 2011, p.41).

O campo de pesquisa será uma escola estadual de educação básica, situada no interior de um presídio, localizado no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa serão alunos, de turmas do sexto ano do Ensino Fundamental e primeiro Ano do Ensino Médio. Nossa escolha por estas turmas deu-se por conta de serem turmas iniciais de seus respectivos segmentos, e também por ser a professora regente destas turmas. Entendemos que o exercício da docência nessas turmas, possa vir a ser um dificultador, mas ainda assim, assumiremos a postura de pesquisadora, distanciando e estranhando o familiar no intuito de descrevê-lo e analisá-lo conforme requer uma pesquisa etnográfica.

Em busca de atingir os objetivos propostos serão utilizados os seguintes procedimentos: análise de fontes documentais, como os documentos que regem a EJA; entrevistas semiestruturadas, dirigidas aos sujeitos da pesquisa, com a direção da escola e com a direção da instituição prisional; atividades dirigidas em sala de aula. Analisaremos quais aspectos transdisciplinares serão extraídos dessas atividades; caderno de campo, onde serão registradas situações, experiências, tudo aquilo que nos chamar atenção para análise futura e releitura de anotações feitas antes da escrita do projeto da pesquisa, relatando o que nos parecia diferente ou especial.

Referencial teórico

Esta investigação tem como referencial de etnografia em Etnomatemática, a pesquisa de Doutorado de Fantinato (2003), onde a autora busca compreender do ponto de vista etnográfico como o grupo de sujeitos da comunidade do Morro de São

Carlos – Rio de Janeiro - representava e utilizava conhecimentos matemáticos em contextos formais e não formais. Esta pesquisa aponta para necessidade de estudos de conhecimentos matemáticos não formais de jovens e adultos em contextos variados. O trabalho de Fantinato nos alerta a compreender os saberes do contexto prisional e sua utilização na efetivação desse saber buscando analisar este fenômeno efetivamente do contexto não formal: a cela, para o contexto formal: a sala de aula.

Vem de Lave e Wenger (1991), a base do conceito de comunidade de prática, que para as autoras é essencial para situar o conhecimento no mundo vivo, localizado, mas seu uso na perspectiva da aprendizagem não se refere, necessariamente, a uma entidade cultural primordial compartilhada, bem como:

the term community [does not] imply necessarily co-presence, a well defined, identifiable group, or socially visible boundaries. It does imply participation in an activity system about which participants share understandings concerning what they are doing and what that means in their lives and for their communities. (Lave e Wenger, 1991, p.98).

É possível perceber que nos saberes do cárcere, a aprendizagem pela prática envolve, conexão entre o local e o global, que são níveis relacionados e coexistentes e que influenciam um ao outro no contexto específico de cada prática. Aqui nos incentiva Moreira (2009) que,

a forma como em nível local, o global vai sendo observado, negociado, integrado e utilizado nas realizações individuais ou colectivas faz emergir a necessidade de construir ligações entre formas de conhecer, agir e pensar localmente com formas de agir e pensar que englobem dimensões mais largas da sociedade. Procuo, assim, um ideal de educação que contribua para a inclusão e interacção dos diferentes, nas várias dimensões da vida social (MOREIRA, 2009, p.61).

Para entendimento da dinâmica de políticas públicas e educacionais no sistema prisional do Rio de Janeiro, analisaremos a pesquisa de Julião (2012), que faz uma análise crítica destas.

Ao identificar os saberes matemáticos no contexto prisional, nosso referencial teórico estará apoiado na abordagem Etnomatemática, que tem como idealizador Ubiratan D'Ambrósio, com análise na pesquisa de Miarka (2011) que aborda a evolução do conceito de Etnomatemática, atentando-me para as perspectivas de D'Ambrósio, Gerdes e Barton, cujo conceito permeia o tema desta pesquisa.

O trabalho de Vieira (2008) trata da análise dos conhecimentos das práticas de docentes em ambiente prisional no estado do Rio de Janeiro. Aqui a autora aborda a

perspectiva dos saberes do professor que atua em escola prisional. Encontramos algumas semelhanças com esta pesquisa, mas nossa maior diferença é justamente o objeto/sujeito da pesquisa. Nesta investigação, nossa abordagem está focada nos saberes adquiridos/construídos por alunos. Entendemos que qualquer trabalho educacional voltado para EJA em privação de liberdade deve estar focado na formação humana, na (re)construção da identidade e na experiência social desse sujeito. Pretendemos dialogar com esta pesquisa por este caminho.

Relevância

O senso comum entende que educação escolar em contexto de privação de liberdade seja um privilégio, mas a Constituição Federal, no Art. 205⁶, afirma que a educação é direito de todos, não importando sua condição conjuntural, reafirmada na Lei de Execução Penal (LEP) 7210, assegurando à assistência educacional ao detento como uma das formas de ampará-lo no seu retorno à sociedade, afirma (JULIÃO, 2012, p.118). Temos ainda outros documentos nacionais e internacionais⁷ que legitimam a obrigatoriedade de oferta de Educação Básica para jovens e adultos privados de liberdade.

Sendo assim, nos propomos a avançar nas discussões apontando os entraves e as proposições diferenciadas pedagógicas existentes para o cumprimento da prática educativa nos espaços prisionais. Também é fato que, conforme dados do Ministério da Justiça, em Dez/2012 (dados mais atualizados), o Estado do Rio de Janeiro, possui 30.906 onde 22.312 compreendem a faixa etária de 18 á 34 anos. 15.327 possuem o ensino fundamental incompleto e aproximadamente 4000 pessoas estão em atividades educacionais. Ou seja, mais um desafio, para educadores e gestores da EJA.

Em pesquisa realizada em 24/05/2013 no banco de teses da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em busca de pares para futuro diálogo, verificamos a inexistência de pesquisas pares, com as mesmas palavras-chaves desta pesquisa. Esta inexistência dá a nossa pesquisa um tom mais desafiante e pioneiro.

⁶Art.205- A educação e direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

⁷PNE(2001), PARECER CNE/CEB 4 e 2(2010), VI CONFINTEA, Manual da Educação Básica em prisões da UNESCO, Regras Mínimas Para Tratamento de Reclusos da ONU Julião (2012).

Dialogaremos também com o trabalho de Vasquez (2001), que faz uma etnografia da prisão, abordando a cultura prisional, e um dos elementos dessa cultura é citado como objeto artesanal, o que nesta pesquisa denominamos artefato. Tais objetos aparecem em um capítulo de sua pesquisa como uma “*variável qualitativa que surgiu ao longo dos encontros com os entrevistados*” (VASQUEZ, 2001) e são analisados do ponto de vista cultural, como *peças de artesanato*. Pretendemos analisar os saberes necessários para a construção de tais artefatos.

A pesquisa de Vieira (2008) aborda os saberes adquiridos por meio da experiência profissional de docentes que atuam no contexto prisional. É possível perceber algumas similitudes no que diz respeito à relevância da escola neste contexto, e seu papel na reinserção do sujeito, caminho este que tem sido trilhado por pesquisadores na área da EJA prisional (JULIÃO, 2012; VASQUEZ, 2008; PENNA, 2005; ONOFRE, 2002).

Finalmente, após retornar do VII Congresso Iberoamericano de Educação Matemática (VII CIBEM), constatamos que apenas a presente pesquisa envolvia a área de Educação Matemática e prisões. A impressão que tivemos ao apresentá-la foi que todos entendiam a relevância da temática, mas nenhum deles sentia-se à vontade em trabalhar em um contexto prisional.

Algumas conclusões...

Vale ressaltar que esta pesquisa está em fase de pesquisa de campo e temos observado que existem saberes que são próprios do sistema carcerário, que se manifestam de distintas formas, dos quais identificamos: um vocabulário próprio de uso na cadeia com alguns vocábulos de uso exclusivo entre presos; o uso de uma lógica diferenciada para as relações comerciais que são a base da “economia” na cadeia; o quanto fator tempo é primordial e medido baseado em parâmetros distintos ao tempo do relógio; construção de artefatos que se assemelham e têm a mesma finalidade de itens do uso doméstico.

A transmissão desses saberes é feito de forma oral, ou por meio de observação e cooperação mútua. As regras de conduta são rígidas, seja nas relações agente penitenciário/preso, seja preso/preso, com punições severas aos que saírem dessas regras.

Nosso próximo passo será elaborar as perguntas para as entrevistas e levantamento dos dados da pesquisa. À medida que avançarmos, revisitaremos nosso projeto afim de atingirmos os objetivos propostos por esta investigação.

Referências Bibliográficas

- *ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 2011.
- *BOGDAN R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.
- *BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>.
- *CAVACO, C. *Aprender fora da escola: percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa, 2002.
- D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática*. São Paulo : Ática , 1999..
- FANTINATO, M. C. C. B. *Identidade e sobrevivência no morro de São Carlos: representações quantitativas e espaciais entre jovens e adultos*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, Tese de Doutorado, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JULIÃO, E.F. *Política pública de educação penitenciária : contribuição para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Educação. Dissertação de Mestrado, 2003.
- JULIÃO, E.F. *Sistema Penitenciário Brasileiro: A educação e o trabalho na política de execução penal*. Petrópolis. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.
- LAVE J. & WENGER E. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Pres, 1998.
- MIARKA, R. *Etnomatemática: do ôntico ao ontológico*. Tese de Doutorado em Matemática. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: 2011.
- MOREIRA, D. *Contas da Vida: Interação de saberes num bairro de Lisboa*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de Lisboa. Lisboa: 2002.
- MOREIRA, D. *Etnomatemática e mediação de saberes matemáticos na sociedade global e cultural*. Em Fantinato, M.C.C. (Orgs) *Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos*. pp. 57-67. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro: 2009.
- ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. *Educação Escolar na Prisão. Para além das grades: a essência da escola a possibilidade de resgate da identidade do homem encarcerado*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.
- OTTOBONI, M. *A comunidade e a execução da pena*. Aparecida: Santuário, 1984.
- PENNA, Marieta G. Oliveira. *Educação nas prisões em teses e dissertações: uma análise sociológica*. In: VII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. Anais...Educação: direito ou serviço? Belo Horizonte, 2005. P. 1-12.
- VASQUEZ, Eliane Leal. *Sociedade Cativa. Entre a Cultura Escolar e a Cultura Prisional*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008.
- VIEIRA, Elizabeth de Lima Gil. *De portas abertas para o cotidiano de uma escola prisional* Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- YAMAMOTO, A. *Prisão e educação: lógicas incompatíveis*. Educação em Prisões. São Paulo: Alfasol. 2010.

